

Pólo faz ressurgir nosso cinema

Após um longo período de letargia do cinema brasileiro, Brasília foi a primeira cidade a acender uma luz no fim do túnel. A criação do Pólo de Cinema e Vídeo do DF pelo governador Joaquim Roriz, em junho de 91, beneficiou a produção de cineastas em todo o País. Mas hoje o Pólo, programa de apoio e incentivo ao cinema brasileiro, precisa de mais um "empurrãozinho" para agilizar as produções. Além da liberação de recursos para os financiamentos de novos filmes, o Pólo necessita de equipamentos.

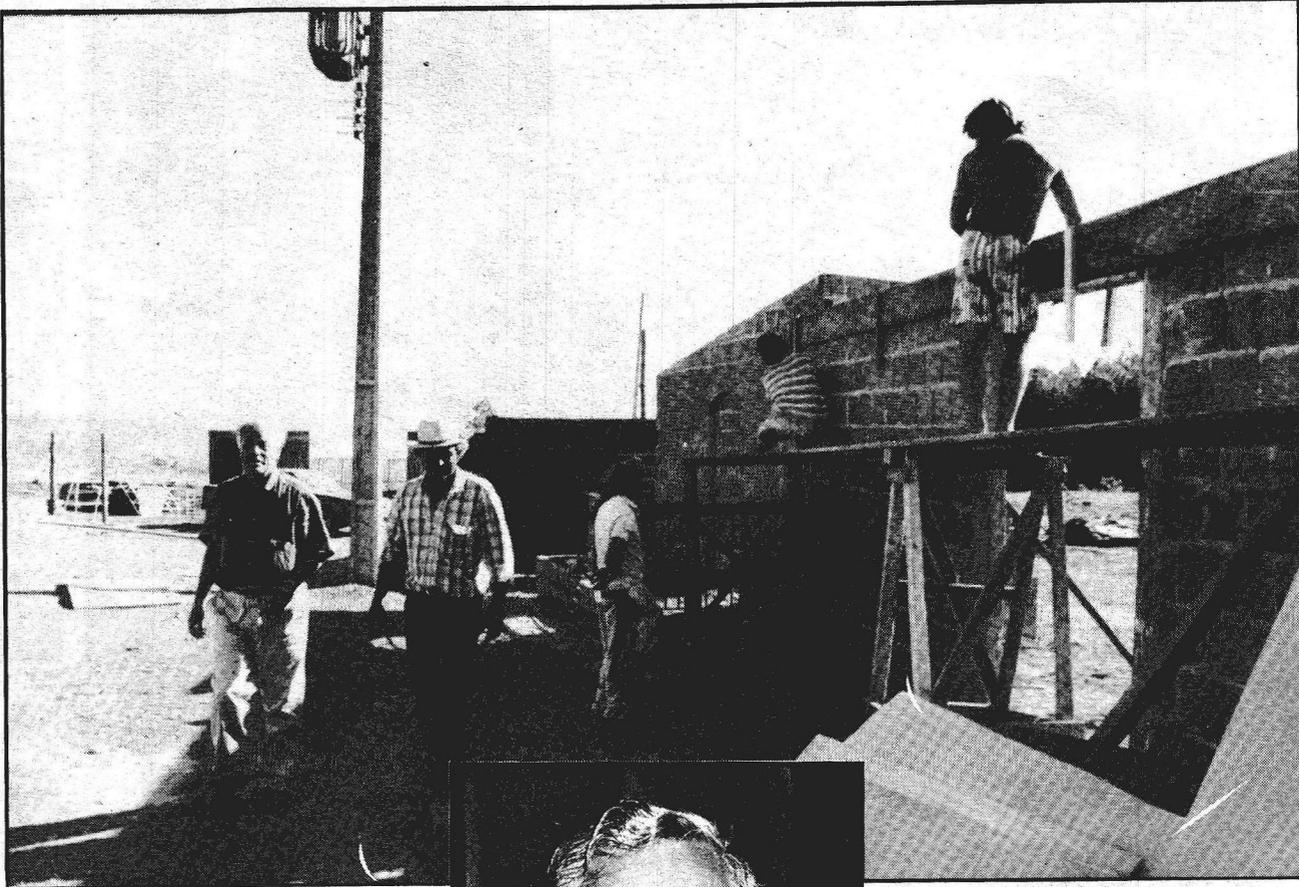
Segundo a secretária-executiva e diretora do Conselho Diretor do Programa de Desenvolvimento do Pólo de Cinema e Vídeo do DF, Maria Helena Pena Mata Machado, o GDF reservou para este ano cerca de CR\$ 2,2 bilhões do orçamento para o Pólo. Ela garantiu que a prioridade para 94 é melhorar a infra-estrutura, principalmente com a aquisição de equipamentos cinematográficos. "Além de solicitar ao governo, também fizemos pedidos de doações a órgãos e governos internacionais", diz. Ela acredita que para se ter o mínimo de equipamentos são necessários pelo menos US\$ 1,2 milhão.

Para que os cineastas se interessem em filmar na cidade, o Pólo precisa ter um estúdio completo com equipamentos. "Isso é quase 40% para rodar um filme. Precisamos melhorar o espaço para que as pessoas venham para cá", observa Maria Helena. Situada na satélite de Sobradinho, os cineastas e videastas reclamam da falta de estrutura. Eles argumentam dizendo que se houvesse um estúdio completo, com moviola e equipamentos de som, luz e câmeras, isso iria baratear os custos das produções locais. Isso facilitaria, e os filmes poderiam ser praticamente rodados e finalizados na cidade.

Oxigenação — Para o cineasta Vladimir Carvalho, diretor do longa *Conterrâneos Velhos de Guerra*, finalizado com ajuda do Pólo, ele foi fundamental para oxigenar o cinema nacional. "O Pólo saiu na frente. Foi o pioneiro na cruzada, que é essencial para tirar o cinema brasileiro da crise. Fundamental para a retomada do cinema", diz.

Mas Vladimir destaca que o Pólo de Cinema e Vídeo do DF precisa ser reavaliado. "Talvez seja o caso de até ser transformado em Fundação. Hoje está semimorto", ressalta. Para ele, o projeto deve ser cumprido na sua totalidade, com financiamentos e equipamentos. O Márcio Curi, produtor do filme *Louco por Cinema*, de André Luiz de Oliveira, também reclama. "É necessário urgência para se concluir a infra-estrutura de Sobradinho com mobiliário, equipamentos de apoio e concluir o estúdio, que hoje é um galpão. Precisa de um tratamento acústico e outro na iluminação", enfatiza.

Curi lembrou que o Pólo foi pio-

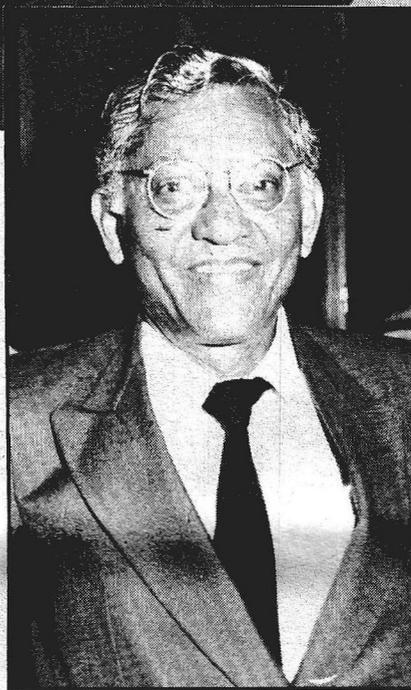


O primeiro longa produzido pelo Pólo foi A Terceira Margem do Rio, de Nelson Pereira dos Santos (E)

neiro, num momento em que retomou o cinema que estava parado. Observou que foram importantes os investimentos do governo em infra-estrutura e de apoio na produção para o desenvolvimento da atividade do cinema nacional. "É interessante criar a tradição dos financiamentos pelo Banco de Brasília. Os produtores de fora já se interessam para filmar na cidade", diz. A expectativa dele é que os empresários locais também considerem importante investir no cinema.

Filmes — Os recursos liberados pela linha de financiamento do Banco de Brasília (BRB), através do Fundef, ajudaram na produção e finalização de vários filmes. O financiamento à produção é uma das três linhas básicas do Pólo — as outras são instalação física e formação de mão-de-obra. O primeiro edital do Pólo beneficiou a finalização do longa *Conterrâneos Velhos de Guerra*, oito curtas e um vídeo.

Já no segundo edital, o Pólo aprovou a finalização de dois longas — *Capitalismo Selvagem*, de André Klotzel, e *Alma Corsária*, de Carlos Reichembach. Também foram selecionados cinco longa-metragens: *A Terceira Margem do Rio*, de Nelson Pereira dos Santos; *Louco Por Cinema*, de André Luiz de Oliveira (filme que está sendo rodado); *Menino Maluquinho*, de Euvécio Raton; *O Calor da Pele*, de Pedro Jorge de Castro; *Sábado*, de Hugo Giorgetti. Ainda foram aprovados quatro curtas: *O Guarda Linhas*,



Vladimir Carvalho:
"O Pólo foi o pioneiro na cruzada, essencial para tirar o cinema nacional da crise"

de Liloye Brigitte Boulbi; *Dente por Dente*, de Alice de Andrade; *A Disforra da Titia*, de Reinaldo Pinheiro; *Rock & Hudson*, de Otto Guerra; e o vídeo *Conto da Meia-Noite*, de Roberto Pires.

Na opinião de Maria Helena, o Pólo de Cinema e Vídeo do DF foi o primeiro talento para o cinema brasileiro, em uma época "que estava acabado e desestruturado". Depois deste incentivo criado em Brasília, Maria Helena observou que outros estados também seguiram a iniciativa do Pólo, como Espírito Santo, Fortaleza, Bahia, entre outros.

Sobre a formação de técnicos, ela informou que através de um convênio com o governo francês já realizaram dois cursos na área de som e imagem, onde participaram cerca de 35 pes-

soas. Ela avisou que o terceiro curso, sobre montagem, será realizado em setembro. "Só estamos aguardando a resposta dos professores da França". O curso de especialização é grátis, mas tem vagas limitadas para Brasília e outros estados.

Conselho — O secretário de Cultura, Cesar Baiocchi, é o atual presidente do Conselho Diretor do Programa de Desenvolvimento do Pólo de Cinema e Vídeo do DF, que ainda conta com a participação de vários cineastas e autoridades locais. O primeiro longa produzido pelo Pólo foi *A Terceira Margem do Rio*, de Nelson Pereira dos Santos, com co-produção francesa. Ele marcou a retomada da produção cinematográfica brasileira. O filme, baseado em cinco contos do livro *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa, concorreu no Festival de Berlim deste ano, depois de um longo período sem representante brasileiro. A atriz principal, a francesa Sonjia Saurin, contratou com artistas brasileiros como Néio Lúcio, Renato Matos, Henrique Rovira etc.

O segundo longa com produção local é o *Louco Por Cinema*, de André Luís de Oliveira, e produzido por Márcio Curi. O filme venceu o concurso de roteiro do Banespa e tem financiamentos do Pólo de Cinema e do próprio banco. Apesar da maior parte do elenco ser composta por brasileiros, o filme conta com grandes nomes do cinema nacional como Nuno Leal Maia, Denise Bandeira, Roberto Bonfim e Guará. Os atores da cidade com destaque no longa são Bidô Galvão, Guilherme Reis, Gê Martu, Plínio Mosca, Humberto Pedrancini, Mi-quéias Paz e Renato Matos. A história se desenrola a partir de uma visita a um hospício pela Comissão de Direitos Humanos.